



ARMÊNIA-AZERBAIJÃO

Kornidzor, a última linha da fronteira

Vilarejo de 800 habitantes situado a apenas 2km de Nagorno-Karabakh, enclave de população armênia conquistado pelas forças azeris em setembro passado, sofre ameaça de invasão massiva de tropas do país vizinho

» RODRIGO CRAVEIRO
ENVIADO ESPECIAL

Kornidzor, Armênia — Sobre a mesa, duas porções de Zhingyalov hats, uma espécie de pão folha recheado de ervas e vegetais. Um prato típico de Nagorno-Karabakh, a terra natal de onde Aram Hovsepyan, 29 anos; a mãe, Susana Hovsepyan, 61; o pai, os dois irmãos e a irmã precisaram fugir. O enclave de população armênia — invadido pelas tropas do Azerbaijão, em 19 de setembro de 2023 — fica a apenas 2km de Kornidzor. Tão perto e tão distante. O vilarejo, de 800 habitantes, está cercado por três lados pelo Azerbaijão, no extremo sul da Armênia. Uma carcaça de um tanque abandonada em um descampado e a silhueta de Berdzor, há sete meses um vilarejo fantasma, em Nagorno-Karabakh, indicam o grau de tensão na região. Não é prudente se aproximar do tanque. Franco-atiradores azeris se escondem não muito longe dali.

Assim que a limpeza étnica teve início, a família Hovsepyan deixou a cidade de Khojaly, a 13km de Stepanakert, capital do enclave, e se mudou para Goris. Em janeiro de 2024, eles viajaram por 24km, no sentido de Nagorno-Kharabakh, e se assentaram em Kornidzor, o primeiro vilarejo a ser atacado caso o Azerbaijão promova uma invasão massiva à Armênia. Hoje, vivem na casa da tia de um amigo, onde cuidam de porcos e de galinhas e plantam hortaliças. Susana diz que ainda pensa no lugar em que vivia, 24 horas por dia. “Continuamos a sentir a dor, estamos tristes. Pensamos sobre o tempo e sobre a esperança. Deixamos nossas casas e os túmulos de nossos familiares. É doloroso não poder voltar”, desabafou a mulher. Entre 100 mil e 110 mil armênios fugiram às pressas de Nagorno-Karabakh. Atualmente, apenas 80 refugiados estão em Kornidzor. O restante se espalhou pelo país. Alguns tomaram-se pedintes.

Ao ser perguntada sobre o motivo pelo qual os Hovsepyans não fugiram para mais distante, a

resposta de Susana foi imediata: “Essa vila tem o mesmo ar de nossa casa; as pessoas falam o mesmo dialeto; aqui, nos sentimos perto de lá”. A família sonha em voltar para uma Nagorno-Karabakh independente e sem a presença de soldados do Azerbaijão. “A esperança é a última coisa a morrer”, desabafou Aram.

Sem ódio

Ele, os pais e irmãos estavam entre os últimos a abandonar Artsakh, como também é conhecido Nagorno-Karabakh. Preferiram esperar para ver o que aconteceria. Havia rumores de que os soldados azeris permitiriam a fuga de 40 mil armênios e, depois, fechariam a fronteira. A decisão de partir veio depois que um amigo que morava em um vilarejo a 3km os visitou e avisou que os azeris estavam próximos. Aram se nega a sentir ódio pelos invasores. “Não sou uma pessoa agressiva. Morei na Rússia, tenho amigos no Azerbaijão que me tratam bem. São apenas pessoas”, disse. Aram confidencia que recomeçar a vida em Kornidzor foi “extremamente difícil”. “Não encontro nem palavras para descrever esse esforço”, comentou.

Não fosse pela presença de soldados na sede da prefeitura e do arame farpado ao redor do prédio, ninguém diria que sobre Kornidzor paira a ameaça de uma guerra. Idosos conversam na porta de suas casas; crianças brincam de bola nas ruas de terra. O motorista de ônibus e mecânico Artur Baghdasaryan, 41, vive de favor na casa de um armênio que se mudou para a Rússia. Divide o imóvel com os avós, os pais, os dois filhos, a cunhada e o irmão. A família de oito integrantes saiu de Stepanakert em 26 de setembro de 2023. “Deixamos tudo lá e viemos com a roupa do corpo”, contou ao **Correio** Luisa, cunhada de Artur.

“Eu quero minha casa, sinto falta da minha casa”, reclama Artur,

Rodrigo Craveiro/CB



Aram Hovsepyan e a mãe, Susana, tiveram que abandonar a terra natal com o resto da família

Duas perguntas para...

SERGEI MELKONIAN, especialista do Applied Policy Research Institute of Armenia, em Yerevan

Qual é o risco de uma invasão em larga escala do Azerbaijão na Armênia?

O risco de um grande ataque é baixo, mas a possibilidade de ataques em larga escala é alta. O Azerbaijão tem duas opções. Primeiro, atacar a parte nordeste da Armênia, a província de Tavush. O governo armênio reconheceu oficialmente a soberania do Azerbaijão sobre os chamados enclaves. Assim, Baku tem um pretexto legítimo para atacar e “libertar os seus territórios”. O principal objetivo do ataque do Azerbaijão nessa direção é assumir o controle da comunicação estratégica que liga a Armênia

a Geórgia e de um gasoduto que vem da Rússia, por meio da Geórgia, para a Armênia. Tal desenvolvimento levará ao êxodo da população armênia que vive nesta província.

A segunda opção é a parte sul da Armênia. O principal objetivo do Azerbaijão é obter acesso terrestre direto à Turquia. Ancara tem perseguido historicamente este objetivo, mas não conseguiu concretizá-lo. Neste cenário, o Azerbaijão dividirá a Armênia em duas partes, que serão inviáveis do ponto de vista econômico e de segurança. O primeiro cenário é possível no caso de uma agressão em larga escala. O segundo cenário de agressão em grande escala é menos relevante em 2024.

Como os países devem evitar uma guerra aberta?

A Armênia fez a possível e impossível condições: reconheceu todo o Nagorno-Karabakh como parte do Azerbaijão, o que Baku jamais espera; também reconheceu a soberania do Azerbaijão sobre os enclaves. Ao mesmo tempo, está pronto para assinar um cessar-fogo. Isso significa que nem Baku nem Ancara estão interessados na paz. Caso contrário, o Azerbaijão assinaria um tratado de paz, porque, como afirmou, a questão de Nagorno-Karabakh foi resolvida. A paz requer dois lados. Portanto, para haver paz, é necessária a vontade política de Baku. (RC)

que disse não ter mais esperanças de regressar a Stepanakert. Perguntado sobre o que sente em relação aos azeris, ele responde com

outra pergunta: “Vou sentir o que? Não sinto nada. É impossível morar com eles. Já são inimigos, não há como termos uma convivência.”

Ele era voluntário do Exército armênio e permaneceu em um posto no front até 20 de setembro de 2023. A família Baghdasaryan preferiu

ONDE FICA



Valdo Virgo/CB/D.A Press

não seguir viagem por encontrar, em Kornidzor, uma casa emprestada por amigos e uma escola para os filhos. Nos primeiros dias, a luta era não deixar as crianças com medo. Artsakh virou uma região sem moradores. As autoridades da Armênia temem a completa destruição de patrimônios culturais e históricos, como igrejas milenares.

Vice-prefeita de Kornidzor, Lusine Karamyam relatou ao **Correio** que a presença de franco-atiradores do Azerbaijão impactou economicamente Kornidzor. Isso porque todo o trabalho envolvendo animais é considerado perigoso. Os moradores de Kornidzor não podem levar os animais para as montanhas, sob o risco de serem alvejados ou de se tornarem prisioneiros de guerra. Lusine disse que a população entende o perigo, mas não tem dinheiro para mudarem-se de região. “Eles acham que vivendo, crescendo e cultivando lavouras, poderão enriquecer o próprio povoado. Agarram-se à esperança de viverem bem.”

O repórter viajou a convite da União Geral Armênia de Beneficência (UGAB Brasil)

PORTUGAL

Justiça derruba acusações contra Costa

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — Cinco meses depois da deflagração da Operação Influencer pelo Ministério Público, que derrubou o governo do socialista António Costa, a Justiça anunciou que não há nenhuma prova consistente de corrupção contra o ex-primeiro-ministro de Portugal e vários dos auxiliares dele. Diante da suspeição, Costa renunciou ao mandato, o que levou o país a realizar eleições antecipadas em março passado, com forte crescimento da extrema-direita.

Segundo o Tribunal da Relação de Lisboa, o Ministério Público não conseguiu apresentar elementos que realmente ligassem Costa e os então ministros a favorecimentos a um grupo de empresários em projetos envolvendo a exploração de lítio e hidrogênio verde e a construção de um grande data center no Porto de Sines, em Setúbal. O governo de Costa, do Partido Socialista (PS), tinha maioria absoluta na Assembleia da República.

No entendimento do Tribunal da Relação, a Operação Influencer

fracassou ao comprovar supostas irregularidades nos autos do processo e o Ministério Público confundiu um debate de ideias com casos de prevaricação. As ligações telefônicas interceptadas a pedido dos procuradores apontam discussões dentro do governo passado sobre temas de interesse do país, como investimentos em empreendimentos que resultariam na criação de empregos.

No máximo, na avaliação da Justiça, poderia ter havido tentativa de lobby, o que não é crime em Portugal. O próprio Ministério Público admite que ainda não tem provas contra todos os acusados de corrupção. Os procuradores dizem que “continuam trabalhando para comprovar as acusações” e os processos caminham normalmente, inclusive o que envolve Costa. A pergunta que todos se fazem é de onde as provas virão e quando se tornarão públicas.

Sem depoimento

Um dos pontos destacados por magistrados é que, até agora, Costa sequer foi chamado para depor

Patrícia de Melo Moreira/AFP



O ex-premiê renunciou ao cargo por suspeita de corrupção

— e ele tem pedido constantemente que isso ocorra o mais rapidamente possível. Portanto, para o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, é fundamental que o Ministério Público se pronuncie e se descubra o que realmente está por trás das acusações que resultaram na queda de um governo eleito democraticamente.

A Operação Influencer foi deflagrada em novembro de 2023,

segundo o modelo da Lava-Jato no Brasil, com toda a sua espetacularização. O nome do então premiê foi citado no último parágrafo de uma nota encaminhada à imprensa, emitida pela Procuradoria-Geral da República (PGR). Foi o suficiente para que Costa se declarasse incapacitado para continuar no cargo. Para ele, não era compatível uma pessoa sob suspeição ocupar tal função.

Costa optou por procurar o

presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e renunciar ao cargo. Mesmo o PS tendo maioria absoluta no Parlamento e com disposição para indicar um novo chefe para o governo, o presidente decidiu dissolver a Assembleia da República e convocar novas eleições, realizadas em 10 de março deste ano. Rebelo de Sousa se recusa a comentar a decisão do Tribunal da Relação de inocentar o socialista e os auxiliares dele.

As eleições foram vencidas pela Aliança Democrática, liderada pelo Partido Social Democrata (PSD), de centro-direita, que indicou Luís Montenegro para premiê. Agora, isentado pela Justiça, Costa deve concorrer a um cargo na Comissão Europeia. Ele estava em dúvida se esse movimento seria viável, mas, ante ao posicionamento do Tribunal da Relação, acredita que o fantasma da suspeição foi enterrado.

Para analistas políticos, as fragilidades das acusações de corrupção feitas contra António Costa e vários de seus auxiliares foram fundamentais para o expressivo crescimento da extrema-direita em

Portugal. Tanto que o partido radical Chega, que se alimentou dos erros cometidos pelos procuradores, quadruplicou a bancada na Assembleia da República nas últimas eleições, de 12 para 50 deputados, liderados por André Ventura.

Integrantes do PS ressaltam que, com a Operação Influencer, o Ministério Público atuou de forma semelhante ao que se viu no Brasil, com a Lava-Jato, desmontada por uma série de inconsistências. A partir das ações do então juiz Sérgio Moro, em conluio com procuradores, houve uma demonização da política tradicional e a ultradireita ganhou musculatura, chegando à Presidência da República por meio da eleição de Jair Bolsonaro.

Há uma cobrança generalizada no mundo político para que o Ministério Público explique, claramente, porque agiu para derrubar um governo que tinha maioria absoluta no Parlamento. “Ninguém está acima do escrutínio, ninguém está acima da crítica e ninguém está isento de ter que dar explicações numa matéria desta importância para a vida democrática do país”, afirma Pedro Nuno Santos.